



“Virada no Jogo” é a tradução para o Brasil de “Game Change”, filme de Jay Roach,

sobre os bastidores da campanha presidencial norte-americana de 2008 e a escolha da polêmica Sarah Palin como candidata a vice-presidente na chapa republicana.

Apenas um resumo sobre o filme: o candidato à presidência dos Estados Unidos em 2008 era um herói de guerra no Vietnã e perdia de lavada (especialmente no voto feminino) para Obama. O gênio do marketing da campanha resolveu criar um fato: escolher uma vice, candidata desconhecida, jovem, bonita, e assim se chegou ao nome da governadora do Alasca. O que no princípio funcionou, com o tempo acabou sendo um quadro de verdadeiro humor. Sarah Palin se revelou uma trapalhona. O filme mostra como a democracia, mesmo em sua esfera mais alta e poderosa, é sujeita, de acordo com as circunstâncias, a conviver com personagens, digamos, bizarros. Vendo a acachapante derrota do governo Dilma para Eduardo Cunha (e sua trupe de religiosos) no comando da Câmara; vendo a

saída pelas portas dos fundos de toda a diretoria da Petrobrás; vendo a troca de um ministro (Assuntos Estratégicos) com 34 dias de um novo governo; vendo a política econômica do novo governo ser a mesma que a candidata eleita amaldiçoava na campanha e que era a que seus dois principais adversários (Marina e Aécio) pregavam... Enfim, vendo tudo isso me veio à memória este filme.

Mas por quê? Por três motivos.

**O primeiro deles é o quanto a propaganda, que nasce da cabeça de um especialista que comanda todo um exército de especialistas em comunicação, cria (ou seja, inventa) uma realidade.**

No filme que retrata a realidade da eleição estadunidense, uma atrapalhada governadora é colocada no centro de uma potência como são os Estados Unidos. No Brasil real, uma candidata se reelege com base num discurso que ela nega imediatamente após a sua posse. Ou seja, quando se trata de eleição, o eleitor cai como um patinho nas mentiras inventadas para convencê-lo da sua escolha.

**O segundo motivo que me traz à memória este filme ao ver a realidade do Brasil é o papel da imprensa.** No filme que retrata a realidade da eleição estadunidense a candidata a vice só se revela uma ignorante, típica de trocadilhos infames, quando a imprensa destrincha a sua história. São dezenas de entrevistas sobre os mais variados te-

mas que acabam se revelando cascas de banana onde a então candidata tropeça de uma maneira tão circense que tira o riso de qualquer pessoa com um mínimo de bom senso. E na eleição do Brasil? A imprensa teve um papel absolutamente oficial, burocrático e de uma total inapetência para revelar as farsas criadas pelo marqueteiro de Dilma.

Ah!, a Dilma falou durante a campanha o que pensava que iria fazer caso reeleita? Então, cadê a imprensa para revelar ao Brasil e seus eleitores quando e em qual circunstância ela mudou de ideia sobre assumir o tripé da macroeconomia tão criticado por economistas históricos ligados ao PT (faço aqui referência a principal delas, Maria Conceição Tavares) e que faz parte da história do partido seu adversário, o PSDB? Dilma teve de aceitar goela abaixo essa política? Quem enfiou isso goela abaixo dela? Por que ela aceitou fazer o contrário do que propagou? A imprensa deve esta resposta.

**Pior fim, o terceiro motivo que a realidade do Brasil me traz à memória o filme “Virada no Jogo”: a democracia se revela um sistema de troca no andar de cima muito gananciosa, deixando o cidadão em absoluto segundo plano.** Não há um sistema político, de governo e social melhor. É inaceitável um sistema totalitário, seja ele qual for. Mas, é preciso que essa conta seja melhor dividida, afinal, apenas quem produz (seja empresário ou trabalhador) está pagando o pato.